

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE CHARLES BOVARY EM MADAME BOVARY, DE FLAUBERT

Renata Aiala de Mello¹

RESUMO

No presente texto, procuramos identificar os vários *ethé* de Charles Bovary, marido de Emma Bovary, no romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. De uma maneira sintética, o conceito de *ethos* pode ser definido como a imagem que o locutor constrói de si mesmo no seu discurso. *Ethos* pode referir-se também à imagem prévia que o outro (narrador, personagem ou leitor) pode ter do enunciador ou, ao menos, com a ideia que este faz do modo como seus alocutários o percebem. Para se alcançar o objetivo aqui proposto, pesquisamos, na obra de Flaubert, diálogos, descrições, narrativas que nos indicasse a construção da imagem da personagem Charles Bovary. Partimos, assim, do princípio de que a imagem forjada de Charles se dá através de suas falas, das do narrador e das outras personagens, sobretudo das de Emma. Buscamos apreender, então, como ele é visto por todas essas instâncias enunciativas presentes na obra. Para tanto, nos valem dos estudos de Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau sobre *ethos* e a construção da imagem de si.

Palavras-chave: AD, imagem de si, *ethos*, Charles Bovary, *Madame Bovary*

RESUME

Dans ce travail, nous cherchons identifier les plusieurs *ethé* de Charles Bovary, mari d'Emma Bovary, dans le roman *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. En bref, le concept d'*ethos* peut être l'image que l'orateur construit de soi dans son discours. *Ethos* peut aussi se rapporter à l'image préalable que l'autre (narrateur, personnage ou lecteur) peut avoir de cet énonciateur ou, au moins, avec l'idée que l'énonciateur fait de la vision que l'autre a par rapport à lui. Pour atteindre l'objectif, nous cherchons, dans l'oeuvre de Flaubert, des dialogues, des descriptions, des récits qui indiquent la construction de l'image du personnage Charles Bovary. Nous croyons

¹ Mestranda do curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos - Faculdade de Letras UFMG.

que l'image de Charles est construite à travers ses paroles, celles du narrateur et des autres personnages, surtout à travers celles d'Emma. Nous cherchons voir, alors, comment il est vu par toutes ces instances énonciatives présentes dans l'oeuvre. Les études de Patrick Charaudeau, de Dominique Maingueneau et de Ruth Amossy sur le concept d'*ethos* e sur la construction de l'image de soi sont notre point de départ théorique pour l'analyse.

Mots-clefs: AD. image de soi, *ethos*, Charles Bovary, *Madame Bovary*

1. INTRODUÇÃO

A AD se debruça sobre vários tipos de discursos e de textos e também sobre variados gêneros. Um desses objetos de análise da AD é a Literatura. Charaudeau (2005, p.16), ao falar das relações entre a Linguística e a Literatura e suas querelas, afirma que “... hoje, há um reconhecimento recíproco por parte de cada um desses parceiros pela disciplina do outro. [...] Entramos na era de uma interdisciplinaridade fecunda.” Trabalhar na interface entre Linguística e Literatura tem configurado, desse modo, um avanço nos estudos acadêmicos.

Este texto tem por objetivo justamente trabalhar nessa interface entre a Literatura e a Linguística, mais especificamente, o romance *Madame Bovary* e a Análise do Discurso. O objetivo geral é mostrar como é forjada a construção da imagem da personagem Charles Bovary. Buscamos entender como seus *ethé* são construídos e por quem.

Os *ethé* de Charles são feitos por ele mesmo, através de seu discurso. Entretanto, a construção de sua imagem não é somente responsabilidade sua; Emma é co-responsável por uma parte. Ao mostrar, através de seu discurso, como ela o vê, sua esposa nos ajuda a traçar o perfil de Charles, conhecer seu caráter, sua visão de mundo e de si mesmo, entre outras coisas. Outro colaborador da construção da imagem de Charles é o narrador da obra. É sobretudo através de Emma e do narrador que temos acesso aos *ethé* de Charles. Isso porque as falas, ou melhor, as enunciações de Charles no romance não são muito frequentes, sobretudo, se levarmos em consideração as de Emma e as do narrador. Mas, não

podemos nos esquecer da importância do leitor na construção dessa imagem da personagem. O leitor, instância destinatária e interpretante da obra, também é co-responsável pelo delineamento da imagem de Charles. Entretanto, nos deteremos apenas na análise das instâncias enunciativas. Nosso propósito é mostrar como as diversas instâncias enunciativas co-constroem os *ethé* de Charles no romance.

A partir da leitura de estudos de Maingueneau (1990, 1996), percebemos que é plausível abordar o texto literário sob o viés da AD. Assim, para alcançarmos o objetivo proposto, pesquisamos, em *Madame Bovary*, diálogos, descrições, fragmentos de narrativas, enfim, tudo aquilo que nos indica a construção da imagem da personagem. Procuramos analisar como Charles é visto não só por ele próprio, mas também por outras personagens e pelo narrador. Pesquisamos também em obras de crítica literária algumas pistas de leitores críticos, ou seja, de estudiosos de *Madame Bovary* e de Flaubert. Valemo-nos, para fazer tal análise, de um arcabouço teórico oferecido pela Análise do Discurso, sobretudo, dos estudos de Charaudeau, Maingueneau e Amossy sobre o conceito de *ethos*. Passemos, na sequência, ao conceito de *ethos* e suas “subcategorias”.

2. O CONCEITO DE *ETHOS*

Da Grécia Antiga até os dias atuais, o conceito de *ethos* tem sido objeto de estudo para as mais variadas áreas pertencentes às Ciências Sociais e Humanas. Os gregos acreditavam que a construção de uma imagem de si era destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório. Para Aristóteles (1973), não basta que o orador seja, por exemplo, honesto, sincero, verdadeiro; é preciso que ele convença, com seu discurso, o auditório.² Assim, Aristóteles entende que, para persuadir o auditório, era preciso construir “... uma imagem favorável [de si], imagem que seduzirá o ouvinte e captará sua benevolência”, conforme afirmam Pauliukonis e Monnerat (2008, p.59)

² Segundo Aristóteles, há três espécies de provas empregadas pelo orador para persuadir seu auditório, quais sejam: o caráter do orador (o *ethos*); as paixões despertadas nos ouvintes (o *pathos*), e o próprio discurso (o *logos*).

Hoje, entretanto, o conceito de *ethos* não pode e não deve mais se restringir à Retórica Clássica. A partir da década de 1980, estudiosos de vários ramos da Linguística (incluindo-se, evidentemente a AD) começam a revisitar o conceito de *ethos*. Na França, sobretudo nos estudos de Maingueneau, tal conceito passa a ser pensado em termos pragmáticos e discursivos. Maingueneau (2001, p.99) parte dos estudos de Aristóteles para afirmar que o *ethos* da Retórica Clássica corresponde às propriedades que os oradores se conferem implicitamente por meio de sua maneira de dizer. Dito de outra forma, uma maneira de dizer remete a uma maneira de ser.

Sabemos que, ao tomar a palavra, o orador está imediatamente criando uma imagem de si. Falar torna-se, então, falar de si. Em algumas situações de enunciação, o orador tem consciência de que ele necessita manipular sua imagem como ele deseja para, por exemplo, argumentar, convencer seu auditório, persuadir, seduzir o outro. Entretanto, isto não é feito de maneira sistematizada; em algumas situações, o orador não tem consciência de que precisa moldar sua imagem para ter maior acesso ao *pathos* do co-enunciador. Essa construção da imagem de si pode ser, desse modo, consciente ou não, deliberada ou não. Porém, essa imagem não é criada apenas no ato da fala, no momento da enunciação. Para Maingueneau (2005), antes mesmo do orador iniciar seu discurso é possível que o outro, o auditório, o interlocutor já tenha uma idéia de algumas características ou particularidades do *ethos* do parceiro, daquele que enuncia. Essa imagem criada antes da enunciação propriamente dita pode ser chamada de *ethos* pré-discursivo ou *ethos* prévio. O *ethos* prévio está, desse modo, ligado ao que o interlocutor apreende do orador por outros meios que não apenas os do discurso do orador, naquela enunciação específica. Como veremos mais à frente, essa apreensão prévia do *ethos* de alguém muitas vezes pode se imbricar com o *ethos* discursivo dito de outrem.

No caso específico de Charles Bovary, quanto ao *ethos* prévio, a questão que se coloca é: qual imagem prévia se faz dele? Como seu *ethos* é co-construído antes mesmo que ele enuncie? Veremos, mais adiante, que Emma e o narrador nos ajudarão tanto na construção dos *ethé* prévio quanto do discursivo dito e mostrado. A participação deles torna-se, assim, indispensável, visto que o discurso de Emma e

do narrador carrega suas próprias marcas, todos eles entendidos aqui como aqueles que interagem no processo discursivo.

No que diz respeito ao *ethos* discursivo dito, ele se constrói a partir do que o orador (no caso, Charles Bovary) diz de si mesmo, enquanto objeto de sua enunciação. A imagem construída, aqui, advém daquilo que ele diz, através de sua enunciação (e também seu enunciado). *Ethos* discursivo dito são, segundo Maingueneau (2008, p.18) “... fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação diretamente (‘é um amigo que lhes fala’) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala.” Veremos, aqui, como Charles constrói seus *ethé*, a partir do que ele diz de si mesmo. Entretanto, cabe ressaltar que o *ethos* discursivo dito pode ser também uma construção de outrem. No caso específico de Charles, veremos que essa categoria é a que predomina. Charles fala muito pouco de si. Em contrapartida, Emma e o narrador se encarregam disso.

Temos, ainda, o chamado *ethos* mostrado. Este tipo de *ethos* se relaciona não só, mas também, com aquilo que Maingueneau (2005, p.72-73) chama de corporalidade, de tom, e é uma construção que se faz tanto a partir daquilo que o orador mostra sem palavras, ou seja, a partir do extra-verbal, quanto do verbal, como, por exemplo, na elocução, na entonação (calorosa, severa, fria...), na escolha das palavras, dos argumentos da personagem. Poderíamos até mesmo afirmar que se trata de um tipo de *ethos* insinuado, apreendido por meio de mecanismos como um léxico avaliativo, uma sintaxe expressiva exclamativa, suspensões, frases inacabadas, silêncios, entre outros.

Percebemos, a partir de tudo o que acabamos de dizer sobre o conceito de *ethos*, que ele é complexo, possui várias nuances e provoca, ainda hoje, muita discussão. Acreditamos que a divisão, ou melhor, as especificidades estabelecidas por alguns teóricos entre *ethos* discursivo prévio (ou pré-discursivo), dito, dito de outrem e mostrado parecem trazer consigo alguma incoerência, e, por conseguinte, podem causar algumas dificuldades de entendimento, de aplicação prática. Dizer, por exemplo, que o *ethos* se faz na enunciação e, ao mesmo tempo, afirmar que a construção da imagem de alguém pode ser feita antes de seu discurso pode provocar um certo desconforto, ainda que isso seja possível. Afirmar que *ethos* é

uma “construção de si” e, ao mesmo tempo, afirmar que essa construção pode ser feita por outrem, pode trazer uma certa dificuldade de entendimento.³

Preferimos coadunar com o entendimento de Maingueneau (2008, p.18) sobre a questão, quando ele afirma que “... a distinção entre *ethos dito* e *mostrado* se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o ‘dito’ sugerido e o puramente ‘mostrado’ pela enunciação.” De qualquer forma, é plausível o entendimento de que o *ethos* se constrói na enunciação, ainda que seja algo fugaz, ou seja, uma enunciação é já, instantaneamente, um enunciado. Assim, por uma questão didática e prática, optamos por nos valer dessas divisões do *ethos* em “subcategorias”, criando especificidades para o conceito, por acreditarmos que os benefícios para o entendimento de como se dá a construção da imagem da personagem superam as incertezas e as dificuldades.

Sintetizando, vemos que as questões sobre o conceito de *ethos* tendem para a dispersão, ou melhor, trazem consigo novos desdobramentos. Trabalhar com o conceito de *ethos* é algo complexo, visto que provoca uma multiplicidade de subcategorias, aplicações e leituras possíveis. Há vários pesquisadores que priorizam uma ou outra forma de lidar com esse conceito. Em linhas gerais, podemos dizer que o *ethos* se constrói no momento da enunciação, mas também que ele pode precedê-la, ou seja, que ele é prévio⁴. É possível entender o *ethos* como uma construção consciente e deliberada com fins específicos: influenciar ou emocionar o auditório. É também possível entendê-lo como algo que pode não ser controlado, ou seja, o *ethos* pode ser involuntário, inconsciente, assimétrico e naturalmente construído nas relações sociais. Acreditamos, juntamente com Charaudeau (2006), que *ethos* é uma produção conjunta, construída dentro de um

³ Acreditamos que aqui, por uma questão de espaço e tendo em vista nossos objetivos, não é o melhor lugar para fazer tais questionamentos. Porém, em um momento oportuno (na dissertação de mestrado), trataremos, além das dúvidas elencadas no corpo desse texto, de outras tais como: como tratar discursivamente de algo que lhe é prévio? Até que ponto se pode afirmar que a imagem prévia de um locutor não é, na verdade, um *ethos* mostrado? É possível mostra-se, previamente, sem dizer? O *ethos* mostrado não seria, também ele, dito? Mostrar não seria uma forma de dizer?

⁴ Quando estudamos e analisamos a construção da imagem de si, não podemos deixar de considerar os estudos de Patrick Charaudeau sobre os imaginários e representações sócioidiscursivas. Para maiores detalhes sobre o assunto, ver CHARAUDEAU 2006.

quadro comunicacional, feita pelas quatro instâncias enunciativas, a saber, o eu-comunicante, eu-enunciador, o tu-destinatário e o tu-interpretante.⁵

Passemos, na sequência, à apresentação da obra *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, para, em seguida, tratarmos dos *ethé* de Charles.

3. RESUMO DA OBRA⁶

Madame Bovary se estrutura em três partes. A primeira parte conta com nove capítulos, a segunda com quinze e a terceira com onze capítulos. A obra se inicia com a entrada de Charles Bovary no colégio de Rouen.⁷ Ele tem, na época, 15 anos. Nos três capítulos seguintes temos a narração a respeito dos estudos “medíocres” de Charles, segundo o narrador, seu primeiro casamento e sua ida a Tostes para se tornar o médico da cidade. Ali, ele encontra Emma e se casa com ela, logo depois que sua primeira esposa morre. Emma surge, a partir de então, como personagem principal da obra. Nos capítulos seguintes, temos o relato das desilusões conjugais de Emma. Apenas o baile de Vaubyssard faz Emma um pouco feliz, por estar no meio da aristocracia. Após o baile, ela volta à rotina e, junto com ela, a tristeza, a desilusão. Emma engravida e consegue convencer Charles a se mudar para Yonville, por causa de suas crises nervosas e também para buscar uma vida outra.

A segunda parte do romance se inicia com a chegada da família Bovary a Yonville e com a apresentação, pelo narrador, dos habitantes da cidade. Dentre eles, destaca-se Homais, o farmacêutico, e L’Heureux, o comerciante. Emma também conhece Léon Dupuis, escritor que, como ela, não gosta da vida na cidade do interior.

⁵ Para maiores esclarecimentos sobre essas quatro instâncias enunciativas, ver CHARAUDEAU, 2008.

⁶ Achamos por bem colocar, nessa parte do texto, o resumo do romance *Madame Bovary*. Ele servirá para que o leitor (juntamente com todas as outras instâncias enunciativas) possa, já a partir dele, começar a construir não só os *ethé* da personagem Charles, mas também os de Emma, os do narrador, os do autor, os da obra...

⁷ O resumo aqui apresentado foi retirado do texto de Auregan (1991) e adaptado por nós.

Mesmo gostando cada vez menos de Charles, Emma se recusa a ter uma relação extraconjugal com Léon, que acaba por deixar Yonville. Emma conhece, então, Rodolphe Boulanger, com quem começa a ter uma relação amorosa. Ela vive passionalmente essa ligação com o amante, que se recusa a fugir com ela. Ele escreve uma carta rompendo com Emma e ela fica ainda mais triste, mais desolada. Algum tempo depois, Emma se encontra com Léon em Rouen e eles, enfim, se tornam amantes.

A terceira parte do romance é marcada pelas idas e vindas de Emma a Rouen, momento em que ela se endivida com várias lojas e, sobretudo, com L'Heureux, que a ameaça. Rodolphe, seu antigo amante, se recusa a lhe ajudar. No capítulo oito dessa parte, Emma se envenena e morre. Nos últimos capítulos narra-se a solidão e a morte de Charles. Apresentada, ainda que superficialmente, a obra, passemos, a seguir, à construção dos três tipos de *ethé* de Charles: o prévio, o mostrado e o dito.

4. OS *ETHÉ* DE CHARLES BOVARY

Para desvelarmos os *ethé* de Charles e melhor exemplificarmos as categorias explicadas acima, fizemos um recorte de apenas alguns trechos da obra, já que tal pesquisa está apenas no início e ainda não separamos uma maior quantidade de falas do romance analisado.

4.1. O *ETHOS* PRÉVIO

Podemos começar a construir a imagem de Charles a partir do que já ouvimos falar dele antes de lermos a obra. Essas informações podem chegar das mais diversas formas como, por exemplo, pelos comentários publicados de quem já leu o romance – leitores, críticos literários, entre outros. Para ficarmos com

somente um exemplo, em seu artigo intitulado “*Mise en texte de l’opération*”, Le Calvez (2009) trata do episódio da operação do pé equino de Hippolyte. Nesse artigo, Le Calvez faz uma leitura da obra do Dr. Duval, livro do qual Charles Bovary faz uso para operar Hipólito. Le Calvez afirma que Charles é limitado profissionalmente, pois a operação é tida como muito simples de ser realizada e a margem de erro deveria ser mínima.

Charles n’a donc aucune raison de se tromper. [...] Charles s’est donc bien trompé en suivant les directives du livre et, de plus, il n’a rien compris au fonctionnement de la machine, qui doit progressivement redresser le pied, c’est pour cela qu’elle est mobile; or Charles ne pratique jamais le ‘travail réformateur’ préconisé par Duval. (LE CALVEZ, 2009, p.39-41)⁸

Esses trechos de Calvez nos permitem delinear Charles enquanto médico. Ele é tido como limitado e irresponsável. Se os leitores tiverem acesso a tal artigo antes de lerem a obra de Flaubert, por exemplo, eles têm, então, uma imagem parcial e prévia da personagem.

Tudo aquilo que o narrador diz sobre Charles pode ser outra maneira de se desvelar o *ethos* prévio da personagem. Temos, como já dissemos, nas primeiras páginas do livro, uma construção prévia, feita pelo narrador, da imagem de Charles Bovary. O narrador nos relata parte da infância de Charles e de como ele se tornou médico e conheceu Emma. O que se diz sobre Charles nessa parte inicial do romance não é, certamente, aleatório, é importante para o desenrolar da narrativa e também, e sobretudo, para a descrição da imagem de Charles. Antes mesmo de sabermos quem é Emma, personagem principal, temos um texto que nos mostra quem é Charles. Essa descrição de Charles certamente ajudará, no desenrolar da narrativa, na construção prévia da imagem de Emma:

[...] un gars de la campagne, d’une quinzaine d’années environ, et plus haut de taille qu’aucun de nous tous. Il avait les cheveux coupés sur le front, comme un chantre de village, l’air raisonnable

⁸ Charles não tem, então, nenhuma razão para se enganar. [...] Charles se enganou seguindo as instruções do livro, e ainda não compreendeu o funcionamento da máquina, que deve progressivamente ajeitar o pé, é por isso que ela é móvel; ou Charles não pratica jamais o ‘trabalho reformador’ previsto por Duval. (LE CALVEZ, 2009, p.39-41)

et fort embarrassé [...] Il était chaussé de souliers forts, mal cirés, garnis de clous. (FLAUBERT, 1995, p.5)⁹

Charles é novato na escola e foi encaminhado a uma classe de meninos mais novos do que ele. Podemos perceber, pela descrição feita, o *ethos* de um “rapaz do campo”, humilde, sem renda suficiente para comprar roupas e sapatos que lhe servissem. Sua roupa é apertada e seus sapatos são mal cuidados. A partir dessa construção feita pelo narrador, o leitor já começa a adquirir mais elementos para criar uma imagem de quem é Charles Bovary.

Ainda no primeiro capítulo, no qual se narra o primeiro dia de Charles na escola, esse mostra seu *ethos* de aluno aplicado, muito atento às aulas, diferentemente dos outros alunos, que preferiam brincar:

On commença la récitation des leçons. Il les écouta de toutes ses oreilles, attentif comme au sermon, n’osant même croiser les cuisses, ni s’appuyer sur le coude, et, à deux heures, quand la cloche sonna, le maître d’études fut obligé de l’avertir, pour qu’il se mît avec nous dans les rangs. (FLAUBERT, 1995, p.5-6)¹⁰

Percebemos, ainda nessa parte do romance, que Charles, ao ficar mais velho, não mudou muito seu comportamento. Continuou estudioso e aplicado, obedecendo às regras sem questioná-las, ou seja, o *ethos* de um homem cordato, disciplinado e sem grandes ambições: “C’était un garçon de tempérament modéré, qui jouait aux récréations, travaillait à l’étude, écoutant en classe, dormant bien au dortoir, mangeant bien au réfectoire.” (FLAUBERT, 1995, p.11)¹¹

Descrevemos, até aqui, a imagem de Charles construída a partir das descrições e dos fatos expostos pelo narrador e também pelo conhecimento prévio que nós leitores temos a respeito dele. Cabe ressaltar que a personagem ainda não

⁹ [...] um rapaz do campo, de quinze anos mais ou menos, mais alto que qualquer um de nós, os cabelos rentes sobre a testa, como um sacristão da aldeia, um aspecto compenetrado e acanhadíssimo [...] calçava uns sapatos grosseiros, mal engraxados, reforçados com pregos. (FLAUBERT, 1970, p.9)

¹⁰ Começou-se a recitar a lição. Ele [Charles] era todo ouvidos, atento como a um sermão, sem ousar mesmo cruzar as pernas ou apoiar-se no cotovelo. E, às 2 horas, com o toque da sineta, o professor teve de avisá-lo de que era preciso entrar em fila [...]. (FLAUBERT, 1970, p.9)

¹¹ Era um rapaz de temperamento sossegado, que brincava nas horas de recreio e trabalhava nas horas de estudo; atento na aula, dormindo bem no dormitório, comendo bem no refeitório (FLAUBERT, 1970, p.13)

enunciou e tampouco falou de si. A imagem prévia construída de Charles é, resumidamente, a de um rapaz inteligente, estudioso, tímido e “meio roceiro”.

4.2. O ETHOS MOSTRADO

Passemos, agora, a construção do *ethos* mostrado da personagem. A partir de suas ações, seus gestos, “seu corpo e seu tom”, nos dizeres de Maingueneau (2008, p.18), podemos desvelar mais uma faceta dos *ethé* de Charles.

Quando Charles decide operar o pé equino de Hippolyte, algumas imagens do médico são apresentadas por suas próprias ações. Ele se deixa convencer por Emma e Homais, que viram nessa cirurgia uma oportunidade de sucesso e riqueza, a proceder à cirurgia. Ele arrisca, então, operar Hippolyte, mesmo sabendo que não domina a técnica. Percebemos, desse modo, que ele faz isso muito mais para agradar Emma. Ele opera Hippolyte para que sua mulher o ame, o admire. Outra imagem mostrada, ou seja, repassada ao leitor e também às outras personagens através de seus atos é que ele continua estudioso, é um homem sério, profissional responsável e dedicado, e passa dias fazendo leituras sobre a doença e sobre a cirurgia que fará. Ainda uma outra imagem criada de Charles a partir de seus comportamentos se dá quando ele falha na operação. Uma operação que, julgada fácil pelos médicos especialistas, não foi bem sucedida por Charles. Outro médico é chamado para amputar a perna gangrenada de Hippolyte. Assim, o *ethos* mostrado de Charles, que era tido como sério, respeitoso, de um médico competente, sofre um reverterio; com o fracasso da cirurgia, ele passa a ser visto como um médico incompetente, tudo isso, a partir de seus atos. Também a partir de seus atos, ao longo do romance, fica marcado que Charles “se mostra”, não só como um médico medíocre, mas também como um marido apático e um pai distante.

4.3. O ETHOS DITO

Não temos muitas passagens na obra onde Charles diz “eu sou isso, eu sou aquilo”. Como já dissermos, a imagem dele é construída, em grande parte, por Emma e pelo narrador. Charles fala pouco e quase não fala de si. Os fragmentos abaixo nos chamam a atenção, visto que são poucos os momentos nos quais ele fala de si:

Je veux qu'on l'enterre dans sa robe de noces, avec des souliers blancs, une couronne. On lui étalera ses cheveux sur les épaules ; trois cercueils : un de chêne, un d'acajou, un de plomb. Qu'on ne me dise rien, j'aurai la force. On lui mettra par-dessus toute une grande pièce de velours vert. Je le veux. Faites-le. (FLAUBERT, 1995, p.338)¹²

Ao dizer “... eu terei coragem”, Charles está, ao mesmo tempo, construindo seu *ethos*. Em um momento de dor causada pela perda de sua esposa, Charles sofre e fala, de certo modo, de si, diante dessa dor. Ele diz que terá coragem o suficiente para suportar ver Emma em seu caixão. O *ethos* dito (e mostrado) de homem corajoso, forte e decidido se mantém por algumas páginas.

Na fala de Charles, a seguir, podemos ver que ele constrói mais um pouco sua imagem. Ao temer a ida de Léon para Paris, ele cria a imagem de um “homem do interior” que desconhece a capital. Através de sua fala, podemos perceber que ele se preocupa com o futuro de Léon e que tem medo que ele se perca, que fique doente, que passe necessidades: “- Mais, dit le médecin, j'ai peur pour lui que... là-bas [Paris] [...] mais je pensais surtout aux maladies, à la fièvre typhoïde, par exemple, qui attaque les étudiants de la province.” (FLAUBERT, 1995, p.126, 127)¹³ Através dessas palavras pronunciadas por Charles percebemos o *ethos* de alguém, ao contrário de Emma, dedicado, preocupado com o outro, de alguém

¹² Quero que a enterrem com o seu vestido de noiva, sapatos brancos e uma coroa. Soltar-lhe-ão os cabelos pelos ombros; três caixões, um de carvalho, outro de mogno e outro de chumbo. Nada me digam – eu terei coragem. Cobri-la-ão com um grande pano de veludo verde. Quero assim. Façam isso. (FLAUBERT, 1970, p.246)

¹³ Mas – disse o médico – tenho medo de que ele... em Paris... [...] é verdade, [...] Mas eu pensava antes nas doenças, na febre tifóide, por exemplo, que ataca os estudantes da província... (FLAUBERT, 1970, p.96)

cujos sentimentos são nobres. Passemos, a seguir, à construção dos *ethé* de Charles pelas outras personagens e pelo narrador.

4.4. A CONTRIBUIÇÃO DE OUTROS PARA A CONSTRUÇÃO DOS *ETHÉ* DE CHARLES

Durante todo o romance, Emma emite opiniões sobre Charles, expressa seus sentimentos por ele, algumas vezes em forma de diálogo, outras vezes através do narrador. Na sequência, temos um fragmento do diálogo entre Emma e Léon. Ela está apaixonada por ele, mas tenta afastá-lo de si para não se comprometer, visto ser uma mulher casada. Neste momento, Emma elogia o marido. A situação se apresenta, então, falsa, visto que ela não acredita que o marido seja tão bom quanto ela afirma. Mesmo sabendo de seu sentimento de desprezo por Charles, ela não deixa de construir a imagem positiva dele para Léon e também para nós leitores: “- Il est si bon! Ah! c’est un brave homme [...]” (FLAUBERT, 1995, p110).¹⁴

Emma sabe que Charles não é um bom médico e tampouco o vê como bom marido. Ele se esforça muito, mas ela o vê como um homem medíocre, de poucas expectativas e aspirações na vida. Charles é, para Emma, uma pessoa incompetente e sem imaginação, nos dizeres do narrador:

[Emma] ne partageait pas son humiliation, elle en éprouvait une autre: c’était de s’être imaginé qu’un pareil homme pût valoir quelque chose, comme si vingt fois déjà elle n’avait pas suffisamment aperçu sa médiocrité. (FLAUBERT, 1995, p.191)¹⁵

Ela diz a si mesma que já deveria saber que ele nunca conseguiria fazer algo grandioso. Os leitores podem, por conseguinte, compartilhar dessa opinião. Ao tomar conhecimento de que a cirurgia foi mal sucedida, Charles vai para casa, sentindo-se “dés honoré, ruiné, perdu!” (FLAUBERT, 1995, p.191)¹⁶ Ao andar de um

¹⁴ Ele é tão bom! [...] Ah! É um homem muito bom! [...] (FLAUBERT, 1970 p.84)

¹⁵ “[Emma] não compartilhava da sua humilhação; experimentava outra: a de ter imaginado que semelhante homem pudesse valer alguma coisa, como se já vinte vezes ela [Emma] não houvesse suficientemente percebido sua mediocridade.” (FLAUBERT, 1970, p.141)

¹⁶ desonrado, arruinado, perdido!”(FLAUBERT, 1970, p.141).

lado para o outro pela sala, ouve de Emma: “- Assieds-toi, dit-elle, tu m’agaces! (FLAUBERT, 1995, p.191)”¹⁷ Emma demonstra estar desapontada com o resultado da operação. Ela fica espantada com a incompetência médica de seu marido. Ela chega a ter raiva dele e o agride verbalmente. Essa mediocridade também é dita por outras personagens: Rodolphe Boulanger, futuro amante de Emma, ao conhecer Charles, emite sua opinião sobre ele, traça seu *ethos*. Mais uma vez, temos a opinião de outrem que nos ajuda na construção do *ethos* de Charles: “- Je le crois très bête. Elle en est fatiguée sans doute. Il porte des ongles sales et une barbe de trois jours. Tandis qu’il trotte à ses malades, elle reste à ravauder des chaussettes. Et on s’ennuie !” (FLAUBERT, 1995, p.136)¹⁸

O narrador tem papel fundamental na construção do *ethos* de Charles, pois ele é onisciente e onipresente, narra o que Charles pensa e sente¹⁹. Podemos dizer, portanto, que o *ethos* discursivo dito se dá através das falas de Charles, quando ele fala de si, das falas das outras personagens, quando elas se referem a ele, mas, sobretudo, do narrador. O fragmento a seguir foi retirado do capítulo no qual Charles consegue, com sucesso, curar o Sr. Rouault, pai de Emma: “[...] on commence à considérer M. Bovary comme un homme de grande capacité” (FLAUBERT, 1995, p.20)²⁰ As pessoas da cidade, vendo que Charles conseguiu curar uma pessoa, passam a vê-lo com mais respeito. O narrador descreve Charles, nesse momento, como um profissional competente. Charles não diz que é competente, mas o narrador e as outras personagens o consideram como tal e dizem isso.

Em outro momento, o narrador continua a traçar o *ethos* de Charles:

La conversation de Charles était plate comme un trottoir de rue, et les idées de tout le monde y défilaient, dans leur costume ordinaire, sans exciter d’émotion, de rire ou de rêverie. Il n’avait jamais été curieux, disait-il, pendant qu’il habitait Rouen, d’aller

¹⁷ Senta-te – exclamou ela. – Tu me irritas! (FLAUBERT, 1970, p.141)

¹⁸ Parece-me bem estúpido o marido. Ela está decerto cansada. Que grosseiro! Traz as unhas sujas e uma barba de três dias. Enquanto ele corre atrás dos doentes, ela fica a consertar meias. (FLAUBERT, 1970, p.102)

¹⁹ Por uma questão de economia, não aprofundaremos, nesse texto, na questão do status do narrador. Cabe ressaltar, entretanto, que ele assume várias “funções”. No capítulo I, por exemplo, ele se inclui no discurso e narra a situação de sala de aula como se ele fosse um dos alunos presentes. Ele parece ser onipotente, onipresente, onisciente, intradieético e extradieético...

²⁰ [...] começaram a ver em [Charles] Bovary um homem muito competente. (FLAUBERT, 1970, p.19)

voir au théâtre les acteurs de Paris. Il ne savait ni nager, ni faire des armes, ni tirer le pistolet [...] (FLAUBERT, 1995, p.45)²¹

Na passagem acima, vemos, novamente, o *ethos* dito (ainda que por outrem) de simplicidade de Charles. Ele não se interessa por teatro, nem pela vida na capital. As conversas dele não são, segundo o narrador, muito interessantes e não provocam nenhuma sensação ou sentimento. Ele não sabe fazer o que os homens na época gostavam de fazer, como, por exemplo, nadar, caçar, lutar, dentre outros *hobbies*.

No fim do romance, quando Emma morre, Charles se torna uma pessoa inconsolável. Essa tristeza também o leva à morte. Ele não culpa Emma de nada, ele não a vê como uma pessoa má, que o traiu, que lhe mentiu. A partir desse momento, nós leitores compartilhamos das dores de Charles. Ele sofreu muito, foi enganado por Emma. A construção do *ethos* da personagem Charles, aqui, se cruza com o *pathos* (via *logos*), onde vários sentimentos estão presentes, se mesclam. Em um momento catártico, ficamos com pena de Charles por causa de suas dores e construímos, ainda que temporariamente, a imagem, o *ethos* de um homem bom, de uma pessoa calma e honesta que foi ludibriado pela esposa: “Et il [Charles] pleurait. [...] Devenu plus faible qu’un enfant, Charles se laissa conduire en bas d’une salle [...]”²²

É possível, e parece ser um desejo de Flaubert, que os leitores, nesse momento, deixem de compartilhar com Emma a imagem construída do marido e passem, ainda que por alguns instantes, a construir uma outra: a imagem de incompetente e medíocre é substituída pela imagem de uma pessoa humanizada, dócil, sensível e fragilizada.

²¹ A conversa de Charles era plana como o passeio da rua, e as idéias de toda a gente desfilavam nela como o seu feitio vulgar, sem provocar comoção, riso ou devaneio. Charles nunca tivera curiosidade, dizia ele, enquanto residira em Rouen, de ir ao teatro ver os atores de Paris. Não sabia nadar, nem esgrimir, nem atirar [...] (FLAUBERT, 1970, p.37)

²² E [Charles] chorava. [...] Mais dócil que uma criança, Charles deixou-se conduzir para a sala. (FLAUBERT, 1970, p.245)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto, procuramos re-compor os diversos *ethé* de Charles Bovary, marido de Emma Bovary, personagem principal do romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*. Buscamos focar como sua imagem é construída, que elementos a compõem, por quem e por quê.

Vimos que o conceito de *ethos* é complexo e se divide em subcategorias que nos ajudam a compreender mais e melhor a construção da imagem de Charles. Essa imagem não é somente a construção que o locutor faz de si, ela é compósita, dialógica e polifônica. A imagem de Charles é feita por ele próprio e principalmente pelo narrador (sempre onipresente e onisciente), e pelas outras personagens, além de nós leitores, todos co-responsáveis pela construção da imagem de Charles Bovary.

Enfim, os *ethé* de Charles são o resultado dos julgamentos que ele faz de si, que as outras personagens, o narrador e nós leitores fazemos dele – e daquilo que todos pensam uns dos outros e de si mesmos – quando se mostram, interagem, agem, falam... Trata-se de uma encenação sociolinguageira, cujo resultado depende diretamente dos julgamentos cruzados, pertinentes a um dado grupo social, incluindo aí, evidentemente, nós leitores.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Poética. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril S/A Cultural e Industrial, 1973.

AUREGAN, P. *Les écrivains – Balises*. Paris: NATHAN, 1991.

CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. Introdução. In MELLO, R. (Org.) *Análise do Discurso & Literatura*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso. Modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris: Seuil, 2002.

FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. São Paulo: Martins Editora, 1970.

FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Paris: J'ai lu, 1995.

LE CALVEZ, E. Mise en texte de l'opération. In : REY, P-L. & SÉGINGER, G. (Orgs.) *Madame Bovary et les savoirs*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2009. p. 35-44.

MAINGUENEAU, D. *Éléments de Linguistique pour le texte Littéraire*. Paris: Bordas, 1990.

MAINGUENEAU, D. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In AMOSSY, R (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Org.) *Ethos Discursivo*. São Paulo: Contexto. 2008.

PAULIUKONIS, M. A. L. & MONNERAT, R. S. M. Operações discursivas na enunciação. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; Emediato, W. *Análises do discurso hoje*. V. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p.44-69.